

Ficção filosófica, ensaio e compreensão em Vilém Flusser



Dimas A. Künsch

*Doutor em Ciências da Comunicação pela
Universidade de São Paulo (USP)
Docente do Programa de Pós-graduação em
Comunicação da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: dimaskunsch@casperlibero.edu.br*

Resumo: Este breve texto objetiva divulgar para um público latino-americano mais amplo a vida e a obra do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) e avaliá-la sob o ponto de vista epistemológico da compreensão como método. Interessa aos autores ressaltar, sobretudo, a natureza dialógica do pensamento comunicacional flusseriano e sua especial predileção pelo ensaio como forma de expressão desse pensamento, configurando, no conjunto de sua obra, um estilo textual que recebeu de Abraham Moles a denominação de “ficção filosófica”.

Palavras-chave: Comunicação, comunicação dialógica, Vilém Flusser, epistemologia compreensiva, a compreensão como método.

Ficción filosófica, ensayo y comprensión en Vilém Flusser

Resumen: Este breve texto objetiva divulgar para un público latinoamericano más amplio la vida y la obra del filósofo checo-brasileño Vilém Flusser (1920-1991) y evaluarla bajo el punto de vista epistemológico de la comprensión como método. Interesa a los autores resaltar, sobre todo, la naturaleza dialógica del pensamiento comunicacional flusseriano y su especial predilección por el ensayo como forma de expresión de este pensamiento, configurando, en el conjunto de su obra, un estilo textual que recibió de Abraham Moles la denominación de “ficción filosófica”.

Palabras clave: comunicación, comunicación dialógica, Vilém Flusser, epistemología comprensiva, la comprensión como método.

Philosophical fiction, essays and comprehension in Vilém Flusser's work

Abstract: This short essay aims to disseminate for a broader latin american public the life and works of the Czech-Brazilian philosopher Vilém Flusser (1920-1991) and to evaluate his work from the epistemological perspective of comprehension as a method. The authors are above all interested in emphasize the dialogical essence of Flusser's communication thinking and its peculiar fondness regarding the essay as a form for expressing such thinking, which designs, throughout his works, a textual style labeled by Abraham Moles as “philosophical fiction”.

Keywords: communication, dialogical communication, Vilém Flusser, comprehensive epistemology, comprehension as a method.

José Eugenio de O. Menezes

*Doutor em Ciências da Comunicação pela
Universidade de São Paulo (USP)
Docente do Programa de Pós-graduação em
Comunicação da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: jeomenezes@casperlibero.edu.br*

Das ist die Katastrophe: dass wir jetzt frei sein müssen.¹

Flusser, em *Von der Freiheit des Migranten*.

É muito provável que, devido ao fato de ter publicado seus trabalhos em forma de ensaios, Vilém Flusser não tenha recebido na América Latina o devido reconhecimento como filósofo e expoente de uma Teoria da Mídia marcada pelo enfoque filosófico e antropológico dos fenômenos e processos da comunicação.

Que motivos levaram uma pessoa nascida em Praga, em 12 de maio de 1920, na atual República Tcheca, a fixar residência no Brasil, naturalizar-se e apresentar-se como brasileiro, mesmo nos últimos anos da vida,

¹ Esta é a catástrofe: que nós agora tenhamos que ser livres.

quando já residia por quase vinte anos, de novo, na Europa?

Que fatores teceram os fios da vida e do pensamento de um cidadão que, sem diploma universitário, chegou a atuar como professor na Universidade de São Paulo e a deixar como herança uma vasta obra, hoje cada vez mais estudada em um número crescente de países dos continentes europeu e americano? Que razões fizeram Vilém Flusser “devorar a cultura brasileira” (Baitello, 2003) da mesma forma que a cultura brasileira devorou culturas que aqui aportaram?

A perspectiva de não ter vivido no território de uma aconchegante e abstrata noção de pátria fez Flusser assumir “sua condição de eterno migrante”

A vida como mosaico de ensaios

Pode-se suspeitar que o apátrida Flusser tenha escrito ensaios porque sua vida, depois dos 19 anos de idade, não passou de um mosaico de ensaios, conforme detalhada cronologia publicada na *Flusseriana: an intellectual toolbox* (Zielinski et al., 2015).

Flusser nasceu em uma família de intelectuais judeus na qual o pai, professor na Universidade Carolina de Praga, era formado em Matemática e Física, e a mãe era “músicista de formação e cantora por vocação”. Teve o alemão e o tcheco como línguas da família e da escola primária pública e depois aprendeu latim e grego, além de um pouco de hebraico, nos estudos colegiais. O próprio Flusser descreve sua infância e juventude como marcadas pela “atmosfera espiritual e artisticamente inebriante da Praga entre as duas Guerras”, um caldo de cultura alemã, tcheca e judaica, uma cidade cosmopolita

na qual o jovem de 17 anos e sua namorada assistiram a uma conferência do filósofo austríaco e mestre da filosofia do diálogo, Martin Buber (1878-1965), que marcaria para sempre a vida dos dois, ou na qual o pai ouviu palestras do físico alemão Albert Einstein (1879-1955).

Em 1939, após ter cursado dois semestres de Filosofia na Faculdade de Direito no ano anterior, fugiu da cidade em companhia da namorada Edith Barth e dos pais dela, logo após a invasão nazista. Existem indícios de que, no mesmo ano, tenha frequentado algumas aulas na London School of Economics and Political Science sem estar efetivamente matriculado. Em 1940 chega com a família da namorada ao Brasil e recebe a informação sobre o assassinato de seu pai, Gustav, ainda em 1940, no campo de concentração de Buchenwald, da execução de sua mãe Melitta e de sua irmã Ludivka no campo de Auschwitz, assim como morreriam seus avós paternos, em Treblinka, no ano de 1943.

Essas tragédias marcaram profundamente a vida de Vilém Flusser como a de tantos pensadores do século XX cujas histórias foram atravessadas pelo terror do totalitarismo nazista, que dilacerou famílias e gerou monstros. Tragédias que ocorreram concomitantemente com as alegrias do casamento, em 1941, com Edith Barth, que passa a se chamar Edith Flusser, e do nascimento dos filhos Dinah (1941), Miguel Gustavo (1943) e Victor (1951).

A perspectiva de não ter vivido no território de uma aconchegante e abstrata noção de pátria fez Flusser assumir “sua condição de eterno migrante, de sujeito desenraizado: tanto de pátrias quanto de quaisquer sistemas” (Krause, 2007, p. 10). Ou ainda, muitos anos depois, como relata Norval Baitello, fundamentou o fato de Edith Flusser ter solicitado aos organizadores do Simpósio Internacional “ReVer Flusser”, realizado em outubro de 2008 em São Paulo, que eles retirassem da sala as bandeiras que formalmente faziam parte do cenário do auditório. Para

Edith, o local do evento não deveria ostentar bandeiras, uma vez que Vilém sempre dizia que atrás de cada bandeira segue um exército de pessoas que morrem em sua defesa e matam os que carregam outras bandeiras.

No início de seu período de residência em São Paulo, sem qualquer entusiasmo, o autor viveu do exercício de atividades comerciais. Ao mesmo tempo, com o vigor próprio de um autodidata, desenvolveu um amplo repertório cultural. Progressivamente, aprimorou uma postura dialógica que marcou sua forma de interagir com um conjunto de interlocutores, conforme registrou na sua autobiografia filosófica. A mesma postura dialógica pode ser observada em sua trajetória no Instituto Brasileiro de Filosofia, na Universidade de São Paulo e em outras instituições de ensino, bem como em sua atuação na Bienal de Artes de São Paulo ou nas revistas e jornais diversos, nacionais e estrangeiros, com os quais colaborou. O engajamento na cultura local pode ser compreendido como prática da tensão entre discurso e diálogo, termos a ele muito caros na abordagem da comunicação humana, que ele entende como “um artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte” (Flusser, 2007, p. 90).

Programas e funcionários

Em 1972, Vilém e Edith retornaram à Europa e, a partir daí, ele passa a ser convidado para conferências sobre imagem, media e aparatos da comunicação em diversos países, com crescente reconhecimento público, até que, em 27 de novembro de 1991, no auge de sua carreira, é vítima de um acidente automobilístico na viagem de volta para a França, onde residia, logo depois de deixar Praga, a cidade na qual acabara de proferir uma palestra, dois dias antes, no Instituto Goethe, com o título “Mudança de paradigma”. Foi a sua “primeira palestra para um grande público em sua cidade natal”, cerca de cinquenta anos após tê-la abandonado às pressas.

As noções de programa e de funcionário, presentes em *Filosofia da caixa preta* (1985) e depois buriladas em *Elogio da superficialidade* (1985) – publicada no Brasil como *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade* (2008) –, representam sua crítica aos programas embutidos em aparelhos que hoje permeiam o cotidiano de homens e mulheres transformados, segundo ele, em funcionários, por usarem os novíssimos aplicativos nem sempre sensíveis ou conscientes do fato de que servem a um programa pré-determinado. Esse tipo de problematização é feito por quem viveu na pele as consequências de um programa técnico, econômico, político e militar que gerou o extermínio em massa de seres humanos.

Leitores apressados pensaram a certa altura que *Filosofia da caixa preta* constituísse apenas um livro sobre fotografia. Enganaram-se. Como Flusser mesmo desenvolve em *Elogio da superficialidade* e, depois, em seu *Medienkultur*, e conforme encontramos no próprio título que foi dado à tradução italiana, *La cultura dei media* (2004), trata-se de “estudos das consequências socio-ambientais (não apenas na natureza e na sociedade, mas sobretudo na cultura) geradas pela proliferação das tecno-imagens” (Baitello Junior, 2008, p. 10).

Essas questões interrogam o que Flusser denominava “sociedade telemática”, com suas duas tendências básicas, apontadas já em 1985 e muito presentes, como tendências, no início do século XXI: uma “sociedade totalitária centralmente programada dos receptores e dos funcionários das imagens” ou uma “sociedade dialogante dos criadores das imagens” (Flusser, 2008, p. 14).

Diante de tantos caminhos abertos por sua vida ensaística, enquanto vivemos também na pele as duas tendências por ele apontadas, passamos a ler, com atenção redobrada, o amplo conjunto de seus ensaios, não à procura de verdades e, sim, compreensivamente, no melhor estilo flusseriano, de caminhos possíveis de entendimento dos

fenômenos e de conversação e diálogo com os nossos contemporâneos a respeito das descobertas feitas.

● Ficção e conhecimento

Assumindo a condição ficcional de todo discurso, como aponta Krause no prefácio à obra *Natural:mente*, Vilém Flusser “escreve filosofia como quem faz ficção”. Mostra mais que demonstra. Provoca mais que esclarece. Dribla mais que afirma. Alude mais que aponta. Suspende mais que pontifica. Prefere o signo da compreensão ao signo da explicação, poderíamos dizer, conversando com Krause, no contexto da proposição de uma epistemologia compreensiva (Künsch, 2008). Abraham Moles, ele lembra, não chamou à toa a obra flusseriana de “ficção filosófica”². “Essa capacidade de assumir a condição ficcional de todo discurso, em especial do discurso acadêmico, mesclando silogismo com metáfora e axioma com ironia”, conclui, “torna o texto flusseriano especialmente desafiador” (Krause, 2011, p. 7-8).

Estudioso há mais de três décadas de Flusser, autor de livros e artigos diversos sobre o filósofo tcheco-brasileiro, Gustavo Bernardo Krause, docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, conta, nesse mesmo prefácio, escrito em 2011 para a edição

² “Philosophiefiktion bei Vilém Flusser”, de Abraham Moles, é o título de um dos capítulos da obra *Überflusser: die Fest-Schrift zum 70. von Vilém Flusser* (Rapsch, 1990, p. 53-61). Lançado, como expressa o próprio subtítulo, como edição comemorativa do septuagésimo aniversário de Flusser, o livro reúne 21 ensaios de diferentes autores, a maioria deles alemães, como Friedrich A. Kittler e Harry Pross, além de dois brasileiros do círculo de amizades de Flusser, Maria Lília Leão e Milton Vargas. Flusser encontrava-se no auge de sua carreira, gozando de amplo prestígio na Europa, principalmente na Alemanha, um ano antes de sua morte, ocorrida no final de novembro de 1991. Em um comentário inicial sobre o modo ordinário de expressão do pensamento filosófico, Moles tece uma diferença, que considera fundamental (*grundlegend*), entre esse modo de expressão e o que faz Flusser, afirmando que ele, “um dos mais importantes filósofos brasileiros da atualidade”, segundo esse autor francês, “schlägt uns einen anderen, grundlegenden Ansatz vor, einen, den wir Philosophiefiktion nennen wollen” (Moles, 1990, p. 53). Tradução: Flusser “nos propõe uma abordagem diferente, mais fundamental, à qual queremos dar o nome de ficção filosófica”.

de *Natural:mente* publicada pela editora Annablume, como foi que chegou ao nome de Flusser, 32 anos antes, em uma livraria do bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. Encontrou o livro que agora prefacia na estante de poesia, folheou-o e deu uma risada. Poesia? O livreiro certamente se enganara, pensou³. Mas, uma vez em casa, ao devorar o livro, arrependeu-se de ter rido. “Tratava-se de poesia sim, embora sem versos ou rimas.” Ficou com enorme inveja do sujeito que escrevera o livro que ele, Krause, desde há muito tempo desejara ter escrito, combinando “os silogismos da academia e as metáforas da ficção” (Krause, 2011, p. 8-9).

O que Krause está no fundo dizendo, não explicitamente, é que, 11 anos antes da famosa afirmação de Moles sobre o caráter ficcional-filosófico de toda a produção de Flusser, ele, Krause, num primeiro contato seu com o até então autor desconhecido, já fizera, desde o ponto zero de sua daí em diante longa trajetória de estudos flusserianos, a experiência de uma filosofia que se sente à vontade ao namorar com a ficção, reivindicando a esta “como instância fundadora e organizadora de todos os discursos” (Krause, 2011, p. 17).

Krause lembra Goethe para afirmar o embate do encanto, da dúvida e do espanto de Flusser com o mundo, como ele se apresenta, fenomenologicamente: “Man suche Nichts hinter den Phänomenen. Sie selbst sind die Lehre” (Não se procure nada por detrás dos fenômenos. Eles mesmos são o ensinamento). Ele argumenta, com Flusser, que a busca a todo tempo por aquilo que se esconderia por detrás ou “no fundo” dos acontecimentos, pessoas, textos, pode nos conduzir à

³ Tratava-se da primeira edição de *Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza* em português, lançada pela editora Duas Cidades naquele mesmo ano de 1979. A edição alemã, publicada muitos anos mais tarde, em 2000, traria o título de *Vogelflüge: Essays zu Natur und Kultur (Os voos do pássaro: ensaios sobre natureza e cultura)*. Na impossibilidade de traduzir o jogo de palavras que aparece no título português *Natural:mente*, o editor alemão preferiu eleger para a obra o título do terceiro ensaio do livro, “Vögel” (“Pássaros”). Na versão em inglês, publicada em 2013 pela Univocal Publishing, de Minneapolis (EUA), o título foi traduzido como *Natural:mind*.

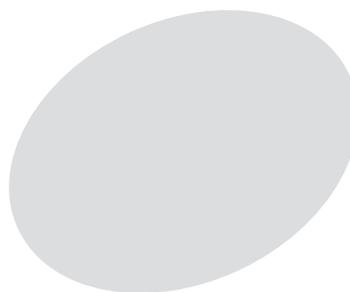
“histeria da interpretação de tudo”, ou melhor, diríamos nós, ao signo universal e abstrato da explicação. Duvida-se do fenômeno para, no melhor estilo cartesiano, acabar com toda dúvida e alcançar a certeza. “A filosofia precisa antes de mais nada proteger a dúvida”, ele defende, alinhado ao estilo flusseriano de reflexão. Precisa “preservar o enigma, mantendo-nos na superfície do mistério, portanto, mantendo-nos em condições de nos maravilharmos e de nos espantarmos” (Krause, 2011, p. 18).

O pensamento flusseriano é “um fluir generoso que se vai tecendo fora de velhas ou modernas malhas, na urdidura fundante que é a linguagem, ‘morada do ser’, como a nomeia Heidegger”, expressa Maria Lília Leão (Flusser, 1998, p. 13), num texto cujo título oferece de alguma maneira uma medida do que estamos aqui trazendo como característica de uma atitude cognitiva compreensiva face ao mundo: “Flusser e a liberdade de pensar”. Esse texto serve de introdução à obra *Ficções filosóficas* (1998), depois de aparecer como posfácio à *Filosofia da caixa preta*, lançada no Brasil, pela Hucitec, em 1985 (dois anos depois de ter sido publicado na Alemanha como *Für eine Philosophie der Photographie*).

O texto “Flusser e a liberdade de pensar” ainda se reveste do afeto e da autoridade moral de quem participou por longos anos das conversas, nas tardes de domingo, no terraço da casa da família Flusser em São Paulo, teria uma nova aparição em *Überflusser* em 1990 e, quatro anos depois, de novo na Alemanha, em *Von der Freiheit des Migranten*. “O dever de gente como nós é engajar-se contra a ideologização e em favor da dúvida diante do mundo”, escreveu Flusser em uma carta a Leão, em 1983. Esse mundo que “de fato é complexo, e não simplificável” (Leão, 1998, p. 10).

O “inclassificável pensador checo-brasileiro”, um “inimigo das balizas mentais”, como expõem Felinto e Santaella em *O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo*, “não segue parâmetros facilmente

assimiláveis pelas estruturas tradicionalmente conservadoras dos estabelecimentos acadêmicos” (2013, p. 14). Para ele, “a falta de imaginação do pensamento acadêmico constitui sua sentença de morte” (2013, p. 14). O desapontamento frente ao império absoluto da razão na Modernidade faz hoje do reconhecimento da “fração de ficcionalidade das nossas especulações [...] o princípio da sabedoria”. Nenhuma surpresa, portanto, “que a obra de Flusser tenha desfrutado de maior sucesso no campo da arte, especialmente da arte tecnológica” (2013, p. 16).

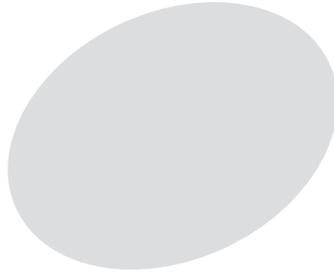


“O dever de gente como nós é engajar-se contra a ideologização e em favor da dúvida diante do mundo”, escreveu Flusser em uma carta, em 1983

Em distintos pontos do livro escrito a quatro mãos, precedido por uma ampla e profunda pesquisa no Arquivo Flusser na Universidade das Artes (*Universität der Künste Berlin*), Felinto e Santaella chamam também a atenção para o estilo singular de escrita flusseriano, que impossibilita o estabelecimento de fontes e influências. Ele quase nunca citava autores. “Passeava pelos mais diversos horizontes do saber sem a preocupação de estabelecer fronteiras ou definir a origem de ideias específicas” (Felinto; Santaella, 2012, p. 52). Frente a uma ciência moderna que, abominando o mito e a fábula, acaba por negar, com isso, a “ordem do fascínio, da curiosidade e do espanto” para se estabelecer “na frieza do distanciamento epistêmico”, prosseguem os autores, Flusser professa que “deveríamos nos desacostumar de distinguir claramente entre verdade e falsidade”, porque, em suas palavras, “a ciência

é uma forma de ficção, exatamente porque ela seria inteiramente desinteressante se quisesse ser inteiramente verdadeira” (apud Felinto; Santaella, 2012, p. 68).⁴

*A opção pelo
texto ensaístico
foi trazida por ele,
como semente, ainda
de seu tempo de
Praga, de onde fugiu
aos 19 anos*



Rigor e vigor da escrita

Se a língua cria a realidade, como assinala Flusser no seu primeiro livro, *Língua e realidade*, publicado no Brasil pela editora Hucitec em 1963, o trato poético-compreensivo com essa mesma língua não se dá sem a ação deliberada e autoral do sujeito, por meio de suas escolhas. A língua cria a realidade enquanto essa realidade se faz sentido no texto falado, escrito ou narrado por um sujeito. Flusser deixa patente essa percepção em sua autobiografia filosófica *Bodenlos* (sem chão) – publicada originalmente na Alemanha, em 1991 –, quando ele conta de que modo pôde assumir, com os anos, “disciplinada e entusiasmamente” a sua condição de “ensaísta brasileiro” (2007, p.82).⁵

Com efeito, o ensaio transformar-se-ia, ao longo de cerca de trinta anos de uma vida de intensa produção em livros e em artigos

para jornais e revistas de vários países, o gênero textual de sua mais convicta e absoluta preferência. O ensaio, “essa forma híbrida entre poesia e prosa, entre filosofia e jornalismo, entre aforismo e discurso, entre tratado acadêmico e vulgarização, entre crítica e criticado” (Flusser, 2007, 83), acabaria por se transformar, para o *bodenlosen*, o apátrida Flusser, em signo de sua *Bodenlosigkeit*: escreve ensaios porque vive ensaisticamente. Porque a vida, incerta, “tão difícil de possuir completa e tão triste de possuir parcial” (Fernando Pessoa), não passa de um acumulado de ensaios. É aqui, no terreno do ensaio – por meio do qual o autor exercita sua “tara de falar e escrever” e onde, tendo sido “atingido pela praga da palavra”, procura transformar essa paixão “em instrumento para a modificação do mundo” e de si mesmo (Flusser, 2007, p. 201-202) –, que se dá, compreensivamente, e na rejeição ao academicismo, o namoro de tipo ficcional filosófico.

A opção pelo texto ensaístico foi trazida por ele, como semente, ainda de seu tempo de Praga, de onde fugiu aos 19 anos. Estudava espanhol para ler Ortega y Gasset. Não era a mensagem que o fascinava, e sim a forma orteguiana de escrever, o aforismo. “Eis um modelo de escrever, simples, econômico e penetrante”, revela Flusser (2007, p. 73). “O aforismo sempre tinha sido considerado como o estilo apropriado ao próprio *ser-no-mundo*.”

É verdade que “Hitler chegou cedo demais para que tal estudo tivesse trazido resultados concretos” (Flusser, 2007, p. 74), mas o nascimento do ensaísta era uma questão de tempo. O fervor pelo ensaio desabrochava em sua plenitude com a decisão do autodidata Flusser de se dedicar inteiramente à vida intelectual, em meados dos anos 1950. Em um texto que escreveu para o Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* no mês de agosto de 1967, que traz o título de “Ensaaios”, ele fala abertamente sobre o porquê de sua escolha: prefere “o estilo vivo” do ensaio ao “estilo acadêmico”.

⁴ Sobre o sentido e a força da fabulação no pensamento flusseriano, ver *Vilém Flusser. Dal soggetto al progetto: libertà e cultura dei media* (Bozzi, 2007, especialmente p. 63-100). E, também, “Zona cinzenta: imaginação e epistemologia fabulatória em Vilém Flusser” (Felinto, 2014).

⁵ A partir de 1961, Flusser atuou como colaborador nas edições dominicais do Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo* e ficou conhecido por polêmicas filosóficas que geravam réplicas e tréplicas. No período entre 21 de janeiro e 12 de abril de 1972 manteve uma coluna, denominada “Posto Zero”, no jornal *Folha de S. Paulo* (Wagnermaier in Flusser, 2014, p. 333).

E não se trata, segundo ele, de uma questão de forma apenas, mas também de conteúdo. O trabalho será afetado “profundamente” por essa escolha. “A decisão de tratar de um tema erudito de forma acadêmica ou de forma viva é a decisão de tratar desse tema de dois ângulos diferentes”, escreve. “Outros serão os argumentos apresentados, outras as conclusões alcançadas, e o próprio tema será apenas aparentemente o mesmo. O estilo informará o trabalho” (Flusser, 1998, p. 93).

A vinculação ensaio-vida aparece com força na crítica que Flusser faz ao “caso especial” do estilo acadêmico. A “honestidade intelectual” se contrapõe à “desonestidade existencial”, uma vez que, para Flusser, quem recorre ao estilo acadêmico “empenha o intelecto e tira o corpo” (grifo do autor). O “eu” é substituído pelo “bombástico (embora aparentemente modesto) ‘nós’, ou pelo ‘se’, que não compromete”. Pode ser belo, pelo rigor que cultiva. Mas não passa de pose. Porque “ninguém pensa academicamente. Força-se a pensar dessa forma”. O estilo acadêmico “não é espontâneo, é deliberado”. Assim, a escolha entre um e outro estilo não passa de “meia escolha: falarei espontaneamente ou escolherei o academicismo” (Flusser, 1998, p. 93-94).

A carga compreensiva do ensaio aparece linhas adiante no texto de Flusser. Diferentemente do caso dos “tratados”, que é como ele decide chamar os textos acadêmicos para distingui-los do “estilo vivo” dos ensaios, essa escolha marcará a sua atitude perante o seu assunto e perante os que lerão o seu trabalho. No estilo acadêmico, pensa-se sobre um assunto que é então discutido com os outros, tendo-se como objetivo explicá-lo aos interlocutores. Reina o signo da explicação, diríamos nós. No segundo caso, o do ensaio, o sujeito está implicado no assunto. “No ensaio, assumo-me no assunto e nos meus outros. No ensaio, eu e os meus outros são o assunto dentro do assunto. No tratado, o assunto interessa. No ensaio, *intersou e intersomos* no assunto”, continua Flusser, para arrematar, sem meias palavras, no melhor estilo de Montaigne, o

chamado pai do ensaio moderno: “A decisão pelo tratado é desexistencializante. É a decisão em prol do ‘se’, do público, do objetivo” (Flusser, 1998, p. 94-95)⁶.

● Considerações finais

Ainda que de forma provisória, com a profundidade dispensada ao tema no curto espaço deste artigo, é possível apontar no pensamento flusseriano um conjunto visível de marcas de natureza compreensiva, entendendo-se por compreensão, ou, melhor ainda, por compreensão como método, caminhos investigativos fundados na opção por formas dialógicas de produção de sentidos, conhecimentos e saberes, maneiras inclusivas de pensar e de expressar os resultados desse pensamento, multiperspectivas (Nietzsche), abertas ao jogo das incertezas, em constante busca mais do que apoiadas na pretensa segurança da afirmação de verdades universais.

O antiacademicismo e o anticartesianismo constituem fortes expressões do pensamento de Vilém Flusser. Somem-se a isso o peso que dá ao encantamento diante do mundo, ao espanto e ao maravilhar-se frente às coisas como elas se apresentam em sua fenomenologia, o que chamamos mais de uma vez de namoro com a ficção e, ainda, a opção deliberada pelo ensaio como forma de expressão do pensamento e da própria vida,

⁶ É quase impossível não perceber no texto reflexos de um dos mais famosos ensaios de Michel de Montaigne, “Sobre a experiência”, no qual ele afirma o lugar central da vida e da experiência (“Estudo a mim mesmo mais que a outro assunto. É a minha metafísica, é a minha física”), reclama da falta de autoria (“Não fazemos mais que glosar uns aos outros. Tudo fervilha de comentários, mas de autores há grande escassez”) e da pulverização do conhecimento como resultado do “picotamento” dos discursos (“Tudo o que é reduzido a pó torna-se confuso”), defende a liberdade do sujeito-autor (“Tenho tamanha queda pela liberdade que se alguém me proibisse o acesso a algum canto das Índias eu viveria de certa forma menos à vontade”) e insiste na necessidade de fazer do pensamento um ato criativo (ao sugerir que “procuramos mais a honra da citação do que a verdade do discurso”) (Montaigne, 2010). Em seu clássico “O ensaio como forma”, Adorno, na crítica veemente que faz ao academicismo cientificista que, segundo ele, reinava nos círculos intelectuais da Alemanha de sua época, proclama que a “liberdade de espírito” é da natureza do ensaio e, ainda, que “a mais intrínseca lei formal do ensaio é a heresia” (Adorno, 1986).

vida-ensaio. A afirmação do poder da imaginação e da criatividade procuram dar conta da diversidade com que o próprio mundo se apresenta, um mundo pelo qual passamos como apátridas, sem seguranças nem certezas, sem chão (*bodenlos*).

Escrevendo sobre a formulação de uma “epistemologia imaginativa” por parte de Flusser, o autor brasileiro Erick Felinto sugere que “a ciência se tornou interessante na medida em que também ampliou suas incertezas”. Ela, a ciência, “já não desfruta mais do status de intocada deusa das certezas férreas”. Felinto levanta, então, a hipótese de um “renascimento especulativo” e da “imaginação”, não apenas no domínio da filosofia, mas de todos os saberes, como contraponto ao declínio das noções de verdade e de certeza (2014, p. 3). E situa Flusser como personagem importante no interior desse movimento. Sua

pretensa “falta de rigor” pode, nessa linha, ser “intencional e programática” (Felinto, 2014, p. 14).

Entendemos que essa linha de raciocínio dialoga com a perspectiva teórica da compreensão por nós aqui assumida. O irreverente e ousado Flusser tinha consciência desse seu lugar social e político. “Jamais esqueci minha meta”, confessa ele: “provocar inquietação nos receptores”. Segundo ele, nisso constituiu-se “a tarefa do intelectual em geral e do professor em particular: provocar zonas de subversão intelectual em seu entorno” (Flusser, 2007, p. 204). Não parece incorreto afirmar, dando razão a Flusser, que um pensamento que conversa, dialoga, imagina, não tem medo da fabulação e da ficção, se apresenta como mais apto ao jogo da compreensão e da subversão que um pensamento acostumado a ditar regras, verdades, certezas.

(artigo recebido mai.2016/aprovado ago.2016)

Referências

- ADORNO, T. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel (Org.). **Theodor Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p. 167-187.
- BAITELLO JUNIOR, N. Escrita que devora imagem que devora escrita: a escalada da abstração e a comunicação como devoção do outro. In: BAITELLO JUNIOR, N. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 31-47.
- BAITELLO JUNIOR, N. A terceira catástrofe do homem ou as dores do espaço, a fotografia e o vento. **Flusser Studies**. Lugano, n. 3, 2003. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net/archive>>. Acesso em: 20 fev. 2016.
- BOZZI, P. **Vilém Flusser, dal soggetto al progetto**: libertà e cultura dei media. Milano: Utet Università, 2007.
- FELINTO, E. Pensamento poético e pensamento calculante. **Flusser Studies**. Lugano, n. 15, 2013. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net/archive>>. Acesso em: 20 fev. 2016.
- FELINTO, E. Zona cinzenta: imaginação e epistemologia fabulatória em Vilém Flusser. Encontro Anual da Compós, XXIII, 2014. **Anais...** Belém: Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em: <<http://compos.org.br/encontro2014/anais/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.
- FELINTO, E.; SANTAELLA, L. **O explorador de abismos**: Vilém Flusser e o pós-humanismo. São Paulo: Paulus, 2012.
- FLUSSER, V. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.
- FLUSSER, V. **Ficções filosóficas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- FLUSSER, V. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FLUSSER, V. **Naturalmente**: vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Annablume, 2011.
- FLUSSER, V. **La cultura dei media**. [Medienkultur]. Milano: Mondari, 2004.
- FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- KRAUSE, G. B. **A dúvida de Flusser**: Filosofia e literatura. São Paulo: Editora Globo, 2002.
- KRAUSE, G. B. A gente de Flusser. In: FLUSSER, V. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007, p. 9-15.
- KRAUSE, G. B. O naturalmente? In: FLUSSER, V. **Naturalmente**: vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Annablume, 2011, p.7-18.
- KÜNSCH, D. A. Teoria compreensiva da comunicação. In: KÜNSCH, D. A.; BARROS, L. M. de. (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?** Questões de teoria e epistemologia. São Paulo: Pléiade, 2008, p. 173-195.
- KÜNSCH, D. A. et al. (Orgs.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Pléiade, 2014.
- LADUSÂNS, S. **Rumos da filosofia atual no Brasil, em auto-retratos**. São Paulo: Loyola, 1976.
- LEÃO, M. L. In: FLUSSER, V. **Ficções filosóficas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 9-16.
- MENEZES, J. E. O. Para ler Vilém Flusser. In: COELHO, Cláudio et. al. (Orgs.). **Estudos de Comunicação Contemporânea**: perspectivas e trajetórias. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- MENEZES, J. E. O.; MARTINEZ, M. A consumidora consumida: diálogo com Vilém Flusser sobre o consumo. **Revista EcoPós**, v.19, p.190-200, 2016.
- MOLES, A. Philosophiefiktion bei Vilém Flusser. In: RAPSCH, V. (Org.). **Überflusser**: die Festschrift zum 70. von Vilém Flusser. Braunschweig: Stephan Bollmann Verlag, 1990, p. 53-61.
- MONTAIGNE, M. Sobre a experiência. In: **Ensaaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 508-583.
- WAGNERMAIER, S. Continuar a pensar a comunicologia. In: FLUSSER, V. **Comunicologia**: reflexões sobre o futuro. As conferências de Bochum [Kommunikologie weiterdenken: die "Bochumer" Vorlesungen]. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 327-369.
- ZIELINSKI, S. et al. (Orgs.). **Flusseriana**: an intellectual toolbox. Minnesota: Univocal, 2015.

